
LEITURA E COMPREENSÃO DE TIRAS CÔMICAS NO EXAME CELPE-BRAS: O PAPEL DA REFERENCIAÇÃO

READING AND UNDERSTANDING COMIC STRIPS ON EXAM CELPE-BRAS: THE REFERENCE'S ROLE

Luciana da Conceição Lindoso Teixeira¹

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar aspectos referenciais construídos na relação estabelecida entre a leitura de tiras cômicas da prova oral do Celpe-Bras, exame para obtenção do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, e questões de compreensão dessas tiras no exame. Dentre os diversos gêneros que compõem esse exame, a opção pelo gênero tira cômica ocorre por ser este o mais recorrente no referido contexto. Tendo como fundamentação teórica estudos do texto e do gênero tira cômica, espera-se com este trabalho contribuir para o ensino de língua portuguesa para estrangeiros no tocante à leitura e compreensão de tiras cômicas.

Palavras-chave: Tiras cômicas. Leitura. Construção de sentidos. Referenciação. Celpe-Bras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the reference aspects constructed in the relationship established between the Reading of comic strips of the Celpe-Bras oral test, exam to obtain the “Certificado de proficiência em Língua Portuguesa para estrangeiros”, and the questions of understanding these strips in the examination. Among the various genres that make up this exam, the choice for the comic strip genre occurs because it is the most recurrent among the genres in that context. Based on theoretical studies of the text and of the comic strip genre, this work is expected to contribute to the teaching of Portuguese language to foreigners with regard to reading and understanding comic strips.

Keywords: *Comic strips. Reading. Construction of senses. Referencing. Celpe-Bras.*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a mostrar aspectos referenciais construídos na relação estabelecida entre tiras cômicas e questões de compreensão de tiras no exame de proficiência em Língua Portuguesa para estrangeiros e, desse modo, contribuir para o ensino de língua portuguesa como língua estrangeira. Para tanto, será feita, a título de exemplificação, uma análise de uma tira cômica e das questões de compreensão propostas sobre a tira, com foco no papel da referenciação no processo de leitura e construção de sentidos. Desse modo, a

importância deste trabalho reside nas possíveis contribuições ao ensino de português como língua estrangeira (PLE), no que se refere ao processo de leitura e compreensão do gênero tira.

Do ponto de vista teórico, o artigo fundamenta-se em estudos do texto, segundo a abordagem sociocognitiva e interacional, com destaque para a referenciação entendida como um processo realizado negociadamente no discurso que resulta na construção de referentes, alimentados e produzidos pela atividade discursiva ao longo da interação, segundo Mondada e Dubois (2003).

O trabalho se organiza em duas partes:

¹ Mestra em Letras – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

a primeira volta-se para considerações teóricas e a segunda para a análise pretendida, a fim de se alcançar o objetivo especificado.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Considerando o objetivo deste artigo de analisar como ocorre a referenciação em questões de compreensão voltadas para tiras cômicas, esta seção tem por finalidade estabelecer o aporte teórico para a construção da análise que se visa empreender.

2.1 Tiras cômicas

As tiras cômicas, no contexto brasileiro, são as mais publicadas entre outras formas de tiras, como as seriadas, as cômicas seriadas e as livres. A tira cômica é a que predomina nos jornais nacionais e na maioria dos jornais estrangeiros.

Para Ramos (2014, p. 40), as tiras cômicas são caracterizadas como “textos verbo-visuais que se assemelham ao modo de composição das piadas, gênero marcado por enunciados tendencialmente curtos, com personagens fixos ou não e com a presença de um desfecho inesperado, fonte de humor”.

As principais características do gênero tira cômica são as seguintes: temática relacionada ao humor; texto curto, dada a restrição do formato retangular; constituída de um ou mais quadrinhos, com tendência a que o formato seja horizontal de um, dois ou três andares; presença de personagens fixos ou não e narrativa com desfecho inesperado (RAMOS, 2014, 2016, 2017).

2.1.1 Tiras e multimodalidade

Os textos multimodais, como pontuam Kress e van Leeuwen (2001), são aqueles em que está presente mais de um código semiótico, como no caso de textos que combinam os códigos visual e verbal, copresentes no evento comunicativo. Para os autores, todo texto é multimodal, não só aqueles em que há imagens e palavras.

Nessa direção, Gualberto, Pimenta e Santos (2018) observam que um texto é multimodal se pensado em termos da possibilidade de uso de variadas fontes, espaçamentos, cores, ilustrações, tipo e formato do papel e normas para editoração, por exemplo. Os autores salientam que o código verbal é apenas uma das várias modalidades que podem compor um texto, como já descrito por Kress (1997, p. 161, apud GUALBERTO; PIMENTA; SANTOS, 2018, p. 27), para quem os “textos escritos estão se tornando muito mais visuais do que já foram, embora eles sempre tenham sido objetos visuais¹”.

Há uma ampla gama de elementos multimodais passíveis de compor um texto, por exemplo, o formato das letras, a diagramação e composição da página (leiaute), as cores, as imagens no texto impresso ou digital, além do suporte, os quais colaboram para a construção interacional de sentidos (DESCARDECI, 2002).

Com o surgimento de novas mídias e seu uso cada vez mais frequente, a interação entre os diversos modos de linguagem, segundo Vieira e Silvestre (2015), já não se restringem mais apenas à linguagem escrita e falada, uma vez que a

linguagem verbal (no seu modo oral ou escrito), em particular, é um sistema de significação que interage com outros sistemas de significação como, por exemplo, a linguagem corporal, o espaço (como sistema de significação) e a linguagem visual. Nessa relação, a linguagem verbal constrói significados em contextos de situação e de cultura específicos (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 9).

Ramos (2011) considera que a imagem é uma das modalidades constituintes do gênero textual tiras, o que faz este ser multimodal, e que os mecanismos de construção de sentidos aplicados às produções verbais poderiam ser adaptados também às produções verbo-visuais.

No conjunto dos muitos elementos verbais que compõem as tiras, Ramos (2016)

1 No original: “Written texts are becoming much more visual than they ever were even though they have always been visual objects”.

indica aqueles inseridos em balões de fala ou pensamento; as legendas, que aparecem, geralmente, no canto superior do quadrinho, antes da fala dos personagens para representar a voz do narrador onisciente ou narrador-personagem; as notas de rodapé, usadas como meio de relembrar o leitor sobre o que ocorre na narrativa.

2.2 Leitura de tiras e construção de sentidos

Schnotz (2009), pesquisador que investiga o processamento textual, acentua que o leitor constrói significados com base no texto, recorrendo ao conhecimento prévio. O resultado dessa construção pode ser diferente, dependendo do que engloba o conhecimento prévio, das metas estabelecidas e das expectativas do leitor. Dessa perspectiva, o leitor tem papel ativo na construção de sentidos, uma vez que o texto, por si só,

não é portador de significados. Pelo contrário, ele serve de estímulo para processos mentais de construção que são conduzidos, em parte, pela informação externa do texto e, outra, pela informação interna do conhecimento prévio (armazenada na memória semântica). Esses processos de construção levam à construção de uma representação mental dos fatos descritos no texto, o que é experimentado, subjetivamente, como uma 'captação do significado do texto' (SCHNOTZ, 2009, p.168).

Em consonância com essa visão, Kleiman (2013) afirma que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio, o saber que o leitor adquiriu ao longo da vida. Esse conhecimento, em interação com outros saberes, como o conhecimento linguístico e o textual, embasa a construção do sentido do texto, a compreensão textual.

Também Koch e Elias (2013) observam que a leitura é uma atividade que requer um sujeito ativo, cujas experiências e conhecimentos são levados em conta e de quem se exige mais do que o conhecimento do código linguístico, pois o texto não é compreendido como um produto de codificação de um emissor a ser decodificado

por um receptor, mas, sim, como um processo que envolve, além dos sujeitos, seus conhecimentos e propósitos. Esse trabalho de construção de sentidos implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, a fim de se buscar proficiência.

No que tange à leitura de HQ, Cirne (1975) afirma que os quadrinhos são menos simples do que aparentam. O autor se refere aos mecanismos comunicacionais envolvidos no processo de interação autor-texto-leitor que utilizam diferentes códigos, de ordem escrita e visual (imagens, cores), a serem acionados pelo leitor durante o processo de construção de sentido. Nessa direção, Ramos (2016, p.14) observa que "Ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não-verbal)".

O leitor, mesmo que não saiba nomear as partes constitutivas das tiras, como vinhetas (ou quadros) e hiatos (ou sarjeta), por exemplo, adota um processo de leitura automático, em que procede, nos países ocidentais, à observação da figura da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Ramos (2011, p.163) sugere um modelo de leitura para tiras, cujo mecanismo harmoniza-se com premissas dos estudos textuais e também com o processo de leitura visual que se inicia com o reconhecimento do contexto de criação do gênero e do tema tratado nele. O modelo sugerido pelo autor envolve as seguintes etapas:

- contextualização da tira, o que inclui o reconhecimento do gênero e a criação de uma série de expectativas genéricas (história curta de humor, desfecho inesperado, quem são os personagens, qual o eventual tema da tira);
- leitura dos quadrinhos presentes, da esquerda para a direita;
- leitura individual da(s) vinheta(s);
- definição e descrição do(s) objeto(s) de discurso presentes no quadrinho (visuais, verbais ou verbais e visuais);
- articulação do(s) objeto(s) como os demais signos presentes no quadrinho: visuais com visuais, visuais com verbais,

verbais com verbais; a tira pode ocorrer sem signos verbais escritos; estabelece-se uma relação entre figura e fundo;

- leitura do quadrinho seguinte e retomada coesiva (ou não) do(s) objeto(s) de discurso; a mudança da vinheta vai gerar comparação entre uma informação dada (do quadrinho anterior) com outra nova (quadrinho lido) e vai acarretar um fragmento de ação, inferido pelo leitor, características que serão o motor da narrativa na tira;
- desfecho inesperado provocado por alguma estratégia textual a ser evidenciada (o desfecho é articulado numa só vinheta, quando a tira apresenta apenas um quadrinho);
- explicação verbal das etapas importantes para a compreensão do texto (a presença deste ou daquele termo teórico vai depender do texto analisado) (RAMOS, 2011, p. 163).

A articulação desses itens ocorre durante o processo de leitura. Dependendo da tira, alguns itens podem ficar “escondidos” e só virem à tona quando necessário, ou seja, durante o processo de construção de sentidos. Ramos (2011) ressalta que é importante observar as relações estabelecidas dentro dos quadrinhos e entre eles.

A leitura e compreensão de tiras requer que o leitor mobilize não só as informações “aparentes” no texto escrito, mas também aquelas expressas por meio das imagens. Assim, o leitor deve entender o que “querem dizer” as imagens utilizadas na combinação com a linguagem verbal.

2.3 Referenciação e suas estratégias

Segundo Koch e Elias (2013, p.123), denomina-se referenciação as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante no processo de construção textual ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se a *progressão textual*. De fato, a referenciação e

a progressão textual consistem na construção de objetos do discurso, doravante tratados de OD.

Nesse sentido, o referente constitui uma atividade discursiva em que o sujeito da interação com os outros sujeitos opera sobre o material linguístico, fazendo escolhas significativas para representar estados de coisas para atender a sua proposta de sentido pretendida. (KOCH, 2002, 2004).

No caso específico deste estudo voltado para a referenciação que ocorre entre tiras cômicas e as questões propostas pelo exame a partir da leitura dessas tiras, recorreremos às pesquisas feitas por Ramos (2011, 2012, 2016, 2017) que postula serem tiras cômicas

um texto composto não apenas por elementos de diferentes modalidades, verbal e visual, mas também por uma articulação entre um quadrinho e outro, modo como se constrói a narrativa nas histórias em quadrinhos. (RAMOS, 2012, p. 744).

A referenciação, nesse sentido, para o autor, ocorre dentro dos quadrinhos e entre eles, cabendo aos estudos do texto a tarefa de explicitar como se processam os mecanismos de produção do sentido na leitura.

Nesse processo, necessário se faz mobilizar, além do saber construído linguisticamente, o conhecimento enciclopédico dos participantes da interação. Podemos citar as seguintes *estratégias de referenciação*: introdução ou ativação, reativação ou retomada e desfocalização.

Para Koch (2002, 2004) e Koch e Elias (2013), a estratégia de **introdução** ocorre quando um “objeto” até então não mencionado é ativado no texto, ficando em destaque no modelo textual até que um novo objeto seja “introduzido” e, então, passe a ocupar a posição focal na interação.

Já a **retomada** ocorre quando um “objeto” já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo a permanecer em foco na memória discursiva do leitor/ouvinte.

Quando um novo “objeto” de discurso é introduzido, passando a ocupar a posição

focal, temos a **desfocalização do objeto anterior**. Importante destacar que o objeto antes em foco fica disponível para utilização imediata, sempre que necessário. Também pode ser modificado ou expandido a qualquer momento pelo autor do texto, criando uma complexa representação na memória do leitor.

Há duas formas de introdução de referentes no modelo textual: a ativação “ancorada” e a “não-ancorada”. Enquanto a primeira ocorre quando há a introdução de um novo objeto do discurso, com base em algum tipo de associação com o elemento já presente no cotexto ou no contexto, a forma “não-ancorada” acontece quando é introduzido no texto um objeto do discurso totalmente novo. Segundo Koch e Elias (2013, p.127), quando esse elemento é representado por uma expressão nominal, esta opera uma primeira *categorização* do referente.

Estudos como os de Marcuschi (2001) e Schwarz (2007) pontuam que entre os casos de ativação ancorada estão as anáforas² indiretas, doravante AI, que são caracterizadas pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas que, de fato, mantém uma relação denominada de “âncora” e, portanto, decisiva para a interpretação (Koch, 2002, 2004).

Marcuschi (2001, p.218) aponta-nos que o termo anáfora, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Entretanto, na acepção técnica de hoje, o termo é usado para designar expressões que se reportam, no texto, a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo, assim, para a continuidade tópica e referencial do discurso.

Em seus estudos, Marcuschi faz a distinção também entre os dois tipos de anáforas, isto é, as anáforas direitas (AD) e as anáforas indiretas (AI). Nas palavras do autor

Em geral, postula-se que as AD retomam referentes previamente introduzidos, ou seja, estabeleceriam

2 Anáfora é o mecanismo linguístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste. (KOCH E ELIAS, 2013, p.127).

uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Parece haver uma equivalência semântica e sobretudo uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Na realidade, a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado. A noção de correferencialidade é nesses casos crucial, embora não se dê sempre de modo estrito. Seguramente, aspectos gramaticais tais como concordâncias de gênero e número serão decisivos em muitos casos, especialmente quando houver mais de um candidato a antecedente referencial. (MARCUSCHI, 2001, p.219).

Marcuschi (2001, p.218) esclarece que, para compreendermos o que são anáforas indiretas, é preciso tomar a coerência como um fenômeno que se dá no processamento textual e não como uma propriedade imanente ao texto. Sobretudo ela deve ser vista como um princípio de interpretação e não um princípio de encadeamento enunciativo ou de boa-formação textual. Isto posto, segundo o pesquisador, AIs são

expressões definidas [e expressões pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2001, p.234).

Cabe ainda, de acordo com Schwarz (2000, p. 50, apud Marcuschi, 2001), identificar entre as características da AI

- a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada e presença de uma âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico base decisivo para a interpretação da AI;
- b) a ausência de relação de correferência entre a âncora e a AI, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- c) a interpretação da AI se dá como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor;
- d) a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

Sobre a constituição das AIs, Marcuschi (2001) esclarece que, geralmente, são expressões nominais definidas, indefinidas ou são pronomes interpretados referencialmente

sem a existência de um elemento antecedente ou subsequente explícito no contexto.

Ainda segundo o pesquisador, as expressões nominais definidas são aquelas cuja configuração básica é constituída de um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo), enquanto as expressões nominais indefinidas são construídas textualmente com expressões nominais indefinidas. Já o uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal, também descritos como pronominalização de elementos contextuais (anafórica ou catafórica) comumente aparecem descritos na literatura linguística.

Em relação ao uso de expressões nominais, Koch e Elias (2013) corroboram essa visão e nomeiam esse fenômeno como *nominalização* ou *rotulação* que pode ser prospectivo ou retrospectivo e por meio do qual ocorre a introdução de um referente novo no texto com o propósito de encapsular (sumarizar) a informação difusa no contexto por meio de um sintagma nominal.

3. UMA ANÁLISE DA REFERENCIAÇÃO EM TIRAS CÔMICAS

Assim como anunciado anteriormente, o objetivo deste artigo é analisar fenômenos referenciais construídos na relação estabelecida entre tiras cômicas e as questões propostas a partir de tiras cômicas no exame oral do Celpe-Bras, o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros. Este é o exame oficial do governo brasileiro, aplicado a partir de 1998.

Atualmente, o Celpe-Bras ocorre não só no Brasil, mas também em outros países, com apoio do Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), por meio de Postos Aplicadores credenciados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), com vistas a certificar a proficiência em português como língua estrangeira a estrangeiros que

alcançam desempenho satisfatório no uso da língua portuguesa.

Quanto à estrutura desse exame, ele é composto por uma Parte Escrita e por uma Parte Oral. Na primeira, com duração de três horas, o candidato deve responder a quatro tarefas que envolvem compreensão, oral e/ou escrita, e produção textual, que abrangem mais de um componente ou habilidade de uso da língua portuguesa.

Já a segunda, nosso foco de estudo, tem duração de vinte minutos, consiste em Interação Face a Face entre o participante e o avaliador-interlocutor e envolve uma conversa planejada desenvolvida com base em informações registradas pelo participante no ato da inscrição e em três Elementos Provocadores, textos de variados gêneros que mesclam linguagem verbal e não verbal³, como capas de revistas, gráficos, histórias em quadrinhos, tiras e charges, que servem de ponto de partida para a interação, objetivando provocar ou facilitar o desenvolvimento da conversa a respeito de determinado tema. O foco desta observação está nas tiras cômicas utilizadas nessa segunda etapa do exame oral.

Elege-se como objeto de análise neste trabalho as expressões nominais referenciais construídas nas questões sobre tiras cômicas, presentes no referido exame, considerando que no processo de leitura das tiras e das questões é esperado que o leitor estabeleça a relação entre o verbal e o imagético, ative conhecimentos prévios, produza inferências e se posicione estrategicamente diante do texto, a fim de que a compreensão se efetive. Para tanto, serão adotados os seguintes procedimentos de análise:

1. apresentação da tira cômica;
2. descrição dos elementos da tira cômica;
3. apresentação das questões da prova;
4. identificação das expressões nominais

³ O Portal do Inep disponibiliza todas as provas do Celpe-Bras já aplicadas, Elementos Provocadores e respectivos roteiros de interação, assim como editais anteriores, manuais, cartilhas do participante, cartazes de divulgação do exame e postos aplicadores no Brasil e no exterior. Vídeos e áudios que são parte do exame podem ser acessados pelo Canal do Inep, no YouTube: <https://www.youtube.com/user/inepimprensa/playlists?sort=dd&view=50&shelf_id=6>..

- referenciais construídas nas questões da prova e relacionadas às tiras cômicas;
- análise das expressões nominais referenciais identificadas.

Feitas essas considerações, inicia-se a análise da tira.

Tira: Cena Tech, de Mauro Souza



Fonte: Acervo Celpe-Bras (2012).

A tira intitulada Cena Tech, de Mauro Souza, foi incluída no exame oral do Celpe-Bras em 2012, 1º semestre. Em sua composição, apresenta três quadrinhos.

No primeiro quadrinho,



tem-se uma cena ambientada na rua, em que um limpador de para-brisas pergunta “E o do café, chefia?!”, em referência ao pagamento do serviço prestado ao motorista no semáforo.

O segundo quadrinho



traz a sequência da narrativa. Nela, tem-se a resposta do motorista, que afirma não ter trocados para pagar pelo serviço: “Xii... foi mal. Hoje tô sem trocados!”.

No terceiro quadrinho,



observa-se o desfecho da narrativa, em que o limpador de para-brisas apresenta uma máquina de cartão para receber pelo serviço prestado e pergunta ao motorista: “Que isso... débito ou crédito?”. Esse quadrinho constitui o inesperado, o componente que gera o humor, pois o leitor, possivelmente, estava esperando ver a imagem do limpador de para-brisas desolado por não receber pelo serviço. Em contraposição, o que vemos é a expressão de confiança do trabalhador informal e o semblante desconcertado do motorista decorrente da situação inusitada.

Ao analisar as expressões nominais referenciais construídas na relação tiras e questões sobre tiras, observa-se que ao candidato são dadas algumas orientações sobre a tira em questão, como indicado nas etapas a seguir:

Etapa 1

O aplicador diz ao examinando:

*Por favor, leia este texto e observe a imagem.
(O examinado faz isso silenciosamente)*

Etapa 2

Após aproximadamente um minuto, o aplicador diz ao examinando:

Fale sobre a história contada no texto.

A fim de falar sobre a história narrada, o candidato deve levar em conta os elementos verbais e visuais que compõem a tira, uma vez

que eles orientam a identificação do tema e a construção de sentidos do texto.

Na sequência das solicitações feitas ao candidato, foram apresentadas as seguintes questões na etapa 3 da Parte Oral:

1. Na sua opinião, o que o limpador de parabrisa pretende com a pergunta “E o do café, chefia?!”
2. Na sua opinião, como seria o final da história?
3. Em seu país, é comum que motoristas sejam abordados no semáforo? Com que finalidade?
4. Você considera natural que alguém utilize uma máquina de cartão de crédito para receber pagamento por trabalho informal? Explique sua opinião.
5. Você costuma pagar por serviços informais oferecidos na rua? Por quê?
6. Em seu país, como as pessoas costumam reagir ao serem abordadas na rua por trabalhadores informais?

Observa-se que as duas primeiras questões fazem referência explícita à tira, com foco nos elementos verbais e/ou visuais. As demais questões não fazem menção direta à tira, mas tratam da mesma temática, o que requer do candidato a leitura dos quadrinhos, a fim de que ocorra a compreensão.

De forma mais específica, pode-se dizer que, para responder às duas primeiras questões, o leitor deve considerar as inferências realizadas no processo de compreensão da tira, isto é, elementos que o levaram à produção de sentidos, como, por exemplo, as informações presentes no texto e as informações advindas do conhecimento internalizado, os quais lhe permitem ler as entrelinhas. Nesse movimento, estão em contínua interação aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais ancorados em pistas textuais. Dessa perspectiva, a interpretação do texto configura-se como uma atividade colaborativa, fruto da interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, como pontua Marcuschi (2015).

A primeira questão,

1. Na sua opinião, o que o limpador de parabrisa pretende com a pergunta “E o do café, chefia?!”

apresenta as expressões nominais referenciais: a sua opinião, o limpador de para-brisa e a pergunta.

Na relação entre a questão 1 da prova e a tira cômica indicada para leitura, observa-se que a expressão nominal “a sua opinião” é um rótulo prospectivo que, no movimento interacional marcado por pergunta do avaliador e resposta do candidato, terá a especificação do conteúdo a que alude construída pelo candidato.

Por sua vez, a expressão nominal referencial o limpador de para-brisa retoma o elemento não verbal dessa tira, constituído pela imagem do trabalhador informal presente nas três cenas narrativas, um caso de anáfora direta. O personagem, no primeiro quadrinho, é retratado segurando seu instrumento de trabalho, uma espécie de rodinho usado para limpar os vidros do carro do motorista. Esse trabalhador aparece nos demais quadrinhos.

Em relação à expressão a pergunta, tem-se um caso de *rótulo prospectivo*, porém, diferentemente do anteriormente comentado nesta questão, trata-se de uma situação que o segmento sumarizado é apresentado na sequência no interior da questão, sendo a sua responsabilidade atribuída ao sujeito elaborador da questão.

É importante destacar que, em sua atividade, o leitor da tira/examinando deve, no conjunto das ações envolvidas no processo de leitura e construção de sentidos, valer-se de seu conhecimento de mundo e do contexto cultural brasileiro para entender que se trata de um pedido de pagamento pelo serviço prestado, a lavagem do vidro do carro do motorista.

A segunda questão

2. Na sua opinião, como seria o final da história?

traz duas expressões nominais rotuladoras, ambas construídas prospectivamente. O rótulo a sua opinião, trata-se do mesmo caso já discutido na questão anterior. Por sua vez, o rótulo o final da história, trata-se de uma sintetização que tem a sua expansão pressuposta na resposta a ser dada pelo

candidato, levando em conta o contexto de avaliação em que estão situadas as questões elaboradas. Indica, portanto, algo que será criado, informação que deve ser inferida pelo examinando.

Já na terceira questão,

3. Em seu país, é comum que motoristas sejam abordados no semáforo? Com que finalidade?

têm-se as expressões referenciais nominais **motoristas** e o **semáforo**, **finalidade**. As duas primeiras retomam elementos que foram introduzidos de forma não verbal na tira, isto é, a imagem do motorista e a do semáforo nas três cenas narrativas do texto. No que diz respeito ao nome **finalidade**, este constitui um rótulo prospectivo, pois é esperado que o candidato, com base na leitura da tira e no que possui de conhecimentos sobre o tema, explicito o que está sendo sumarizado sob o rótulo **finalidade**.

Na quarta questão,

4. Você considera natural que alguém utilize uma máquina de cartão de crédito para receber pagamento por trabalho informal? Explique sua opinião.

observamos que três expressões nominais referenciais **uma máquina de cartão de crédito**, **pagamento por trabalho informal** e **sua opinião**. A primeira expressão promove uma retomada de referente introduzido na tira por meio de elementos não verbais, como a máquina de cartão que o limpador de para-brisas apresenta ao motorista na cena final da narrativa, a fim de esse pague pelo serviço prestado. Essa última ação, como já mencionado na descrição do terceiro quadrinho, é responsável pelo humor, ou seja, o gesto do trabalhador informal de levar consigo uma máquina de cartão para receber pelo serviço ofertado no semáforo é algo inesperado tanto pelo motorista, personagem da tira cômica, quanto pelo leitor do texto.

A segunda e terceira expressões nominais, respectivamente, **pagamento por trabalho informal** e **sua opinião** são rótulos: este é prospectivo e já foi comentado em outras

questões; aquele é um rótulo retrospectivo que solicita do candidato que identifique o conjunto de informações que possibilita essa sumarização, levando em conta os conhecimentos das coisas do mundo.

A quinta questão

5. Você costuma pagar por serviços informais oferecidos na rua? Por quê?

introduz a expressão nominal referencial **serviços informais oferecidos na rua**, que constitui um rótulo alusivo ao que se observa na tira quanto à ação praticada pelo limpador de para-brisas no espaço da rua, inferida pelo leitor com base na pergunta que ele faz ao motorista: “E o do café, chefia?”.

Por fim, na última questão,

6. Em seu país, como as pessoas costumam reagir ao serem abordadas na rua por trabalhadores informais?

tem-se a expressão nominal referencial **trabalhadores informais**, que se trata de uma anáfora indireta ancorada no elemento não verbal constituído pela imagem do limpador de para-brisas, retratado nas três cenas narrativas.

Com base na análise da tira e das questões apresentadas aos candidatos do exame, observamos, mais uma vez, que nem todas as perguntas fazem referência explícita à tira, apesar de estarem relacionadas à temática, que o leitor deve identificar por meio da leitura dos quadrinhos. Além disso, essas questões conduzem o candidato a emitir a própria opinião em relação ao tema abordado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o contexto do Celpe-Bras, assim como aspectos do gênero tira cômica, observou-se que as formas referenciais, na tira analisada, exercem papel importante na articulação entre a tira cômica e as questões baseadas nela. Além disso, notou-se que, na relação entre a tira cômica e as questões propostas aos examinandos, as

expressões nominais referenciais constituem pistas importantes para a leitura desse texto e para a produção de sentidos, bem como para as respostas do candidato às questões do exame oral.

De modo geral, observou-se que algumas questões propostas fazem referência explícita à tira, com foco nos elementos verbais e/ou visuais. De fato, para respondê-las, o leitor/candidato precisa considerar as inferências realizadas no processo de compreensão da tira, isto é, elementos que o levam à produção de sentidos, como, por exemplo, as informações presentes no texto e as informações advindas do conhecimento internalizado, as quais lhe permitiriam ler as entrelinhas.

Com os resultados obtidos na análise, pôde-se comprovar o que postula Marcuschi (2015) acerca de ser a interpretação do texto uma atividade colaborativa, decorrente da interação autor-texto-leitor porque, no movimento de leitura da tira e das questões sobre a tira, estiveram em contínua interação aspectos verbais, não verbais, cognitivos, sociais, culturais e interacionais.

A análise da construção de sentidos baseada na leitura da tira “Cena Tech” e nas questões sobre essa tira cômica permitiu entender que o leitor desse gênero, de modo geral, deve ativar não só seus conhecimentos linguísticos do idioma em questão, mas também sua bagagem sociocognitiva, que envolve conhecimentos de mundo, crenças, valores e vivências (KOCH; ELIAS, 2013, p.21).

Embora tenha sido analisada apenas uma tira, no que se refere aos aspectos multimodais, parte importante da constituição desse gênero, tais aspectos se mostraram relevantes para a ativação e reativação de referentes construídos na relação tira e questões sobre as tiras. São, além dos aspectos verbais presentes no título da tira e no interior dos balões de fala, os aspectos visuais como a cor, a expressão facial dos personagens, as legendas e a imbricação palavra-imagem. Observamos também que tais elementos exercem influência na produção do humor

nas tiras cômicas, uma vez que contribuem para a percepção da quebra da expectativa do leitor (RAMOS, 2017).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de orientação para os coordenadores de postos aplicadores do Celpe-Bras**. Brasília: MEC/ INEP. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/manuais/manual-do-aplicador-2016>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos**. O universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. **Ler o mundo: um olhar através da semiótica social**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 3, n. 2, p. 19-26, jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/604>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GUALBERTO, Clarice Lage; PIMENTA, Sônia Maria; SANTOS, Záira Bonfante. **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 15. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. Oxford UK: Oxford University Press, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, jul./dez., 2001 p. 217-258. Disponível em: www.http.revistas.ufpr/letras/article/view/18415/11987. Acesso em: 10 out. 2019.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola, 2017.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2016.

_____. **Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014. Série Quiosque, 32.

_____. **Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas**. In Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/CNC%20%2013/Downloads/referencia%C3%A7%C3%A3o%20paulo%20ramos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____. **Faces do humor**. Uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

SCHNOTZ, Wolfgang. O que acontece na mente do leitor? Os processos de construções mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e da linguística cognitiva. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore (Orgs.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Trad. Hans Peter Wieser. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SCHWARZ-FRIESEL, Monika. Indirect anaphora in text. In: SCHWARZ-FRIESEL, Monika; CONSTEN, Manfred; KNESS, Mareile. **Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à multimodalidade: contribuições da gramática sistêmico-funcional**, Análise de

Discurso Crítica, Semiótica Social. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015. Disponível em: https://www.cepadic.com/pdf/livro_multimodalidade.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.